

NOSSA CAUSA - COMUM: O EDUCACIONISMO

Escola igual para todos.

Cristovam Buarque

67.014.5

1n

01

F000342

**NOSSA CAUSA - COMUM:
O EDUCACIONISMO**

Escola igual para todos.

Cristovam Buarque

RB. 30.797 F

FARN

BIBLIOTECA

Nº Reg F000342

08/05/07

32:37.014.5

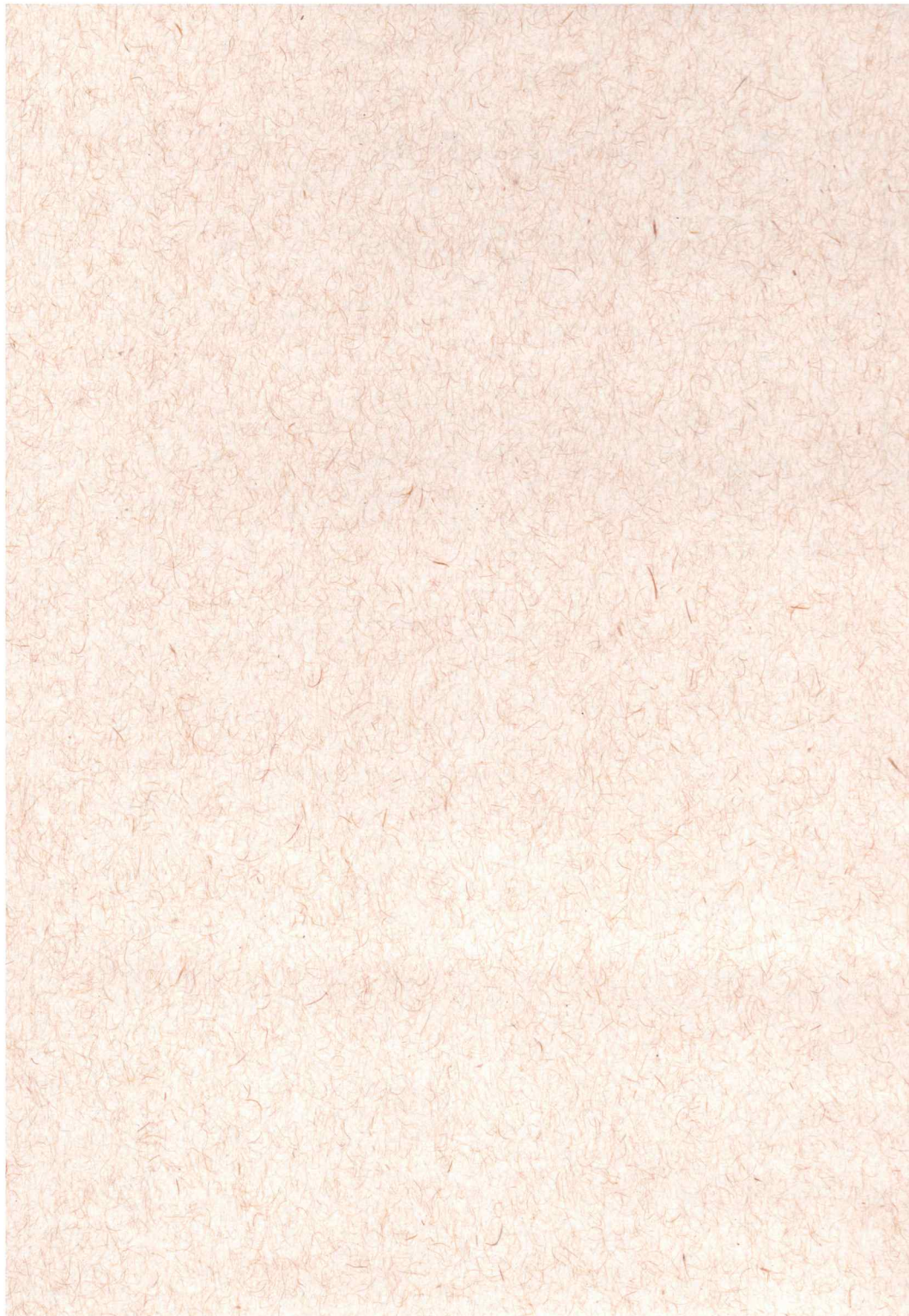
B931m

2007

ex 01

DEDICATÓRIA

*àqueles que no passado tombaram na luta por seus sonhos,
àqueles que no presente tombaram no vazio da desilusão,
e aos que no futuro serão capazes de reerguer
bandeiras soterradas*



DESTINATÁRIA

Este texto é orientado especialmente para quem um dia sonhou e continua se recusando a cair na desilusão; para aqueles que, de tão jovens, ainda não ouviram “o anjo torto”.

E para os que sucumbiram às tentações do poder - sem - Causa, mas ainda podem se interessar; nem que seja para criticá-lo, rebatê-lo e oferecer uma proposta alternativa.



1. “VAI, CARLOS, SER *GAUCHE* NA VIDA”

“Quando nasci, um anjo torto, desses que vivem na sombra, disse: Vai, Carlos, ser *gauche* na vida”¹. Metaforicamente: seja diferente; não se conforme com o jeito do mundo, fique indignado diante das injustiças; não aceite a dominação de uma nação sobre outra, reaja à divisão dos povos entre aristocracia e plebe, senhores e escravos, incluídos e excluídos; escolha sempre o lado dos pobres; não aceite opressão, autoritarismo; encontre um sonho e lute por ele. Seja de esquerda².

A cada dia, o anjo faz essa recomendação a homens e mulheres, especialmente jovens, em algum momento de suas vidas. Fala pela voz dos pais ou de amigos, por meio de livros, de um filme ou uma peça de teatro. Às vezes, fala diretamente pela realidade chocante das injustiças, das maldades, das repressões. Há muitas maneiras pelas quais o “anjo torto” incentiva uma pessoa a ser *gauche* na vida: ser de esquerda.

Mas nem todos recebem esse sopro. A maior parte prefere se acomodar, assistir calado o mundo passar ao redor. Outros não se acomodam e participam, mas do lado conservador, para evitar as mudanças na estrutura social. Poucos recebem o sopro mágico de adotar uma causa, se engajar na luta social pela transformação do mundo em direção a um projeto utópico³ e fazer uma revolução.

Antes de Drummond, ser de esquerda era lutar pela Independência, pela Abolição da Escravatura, pela República. Depois, a luta era por desenvolvimento econômico, industrialização, reforma agrária, salário

1 Este poema de Carlos Drummond de Andrade (Poema de Sete Faces, p. 70 das Obras Completas da Nova Aguilar), nada tem de político, salvo este primeiro verso.

2 A expressão nasceu na França, depois da revolução de 1789, para indicar os convencionais mais radicais, que sentavam à esquerda no auditório. Depois se espalhou pelo mundo como sinônimo de reformista, progressista, revolucionário.

3 Neste texto, o termo “utopia” é usado no sentido de objetivo último alcançável, não no sentido usual de impossível, inalcançável, inexistente.

desenvolvimento econômico, industrialização, reforma agrária, salário mínimo, direitos essenciais do trabalhador.⁴

Mais adiante, ser de esquerda era lutar pelas “reformas de base” que o País esperava há séculos, contra os privilégios, o latifúndio improdutivo, a cátedra vitalícia nas universidades, pelo socialismo. Pouco depois, uma ditadura se implantou e ser esquerda incluiu principalmente a luta pela democracia, exigindo novas formas de organização e novos métodos de luta, legais ou clandestinos, por meios pacíficos ou armados. Em vez de matar o sentimento de esquerda, a ditadura o fortaleceu.

Havia diferentes siglas-partidárias, mas um só partido-causa: a soberania, a democracia, o estado regulando o funcionamento social, o socialismo, sob alguma das diferentes formas em voga no mundo. As bandeiras eram muitas: anistia, constituinte, direito de livre organização partidária e sindical, liberdade de imprensa, fim da censura, eleição direta para presidente, mas a Causa era a democracia, associada à soberania e à justiça social

.....

4 *A característica de uma sociedade sempre dividida deixou nossa esquerda sempre atrasada em relação à história do mundo. Quando a França fez sua revolução, nós começávamos a pensar em deixar de ser colônia; quando outros países latino-americanos viraram repúblicas, escolhemos uma monarquia; em de um Simon Bolívar como presidente, escolhemos o filho da metrópole como imperador; quando acontecia a Comuna de Paris, estávamos aprovando da Lei do Ventre Livre; quando abolimos a escravidão e proclamamos a República, Marx já havia morrido, os países europeus tinham ativos partidos socialistas. Quando criamos o Ministério da Educação, já fazia mais de 50 anos que os países europeus tinham feito a universalização da educação de base; quando criamos o salário mínimo, os países europeus já tinham tido governos social-democratas; quando já na segunda metade do século XX, nossa esquerda se consolidou no radicalismo dos diversos partidos comunistas, ela continuou atrasada pelo mimetismo como copiava as teorias e estratégias do marxismo europeu. Via a realidade brasileira com os olhos de teóricos estrangeiros. Nunca percebeu que nossa maior exploração, submissão, desigualdade – a grande contradição – está na maneira com que as elites negaram educação ao povo. A esquerda continuou vendo o Brasil de cabeça para baixo, conforme os modismos importados marxistas, ou não: via a falta de educação como resultado da negação da terra aos camponeses pelos latifundiários, em vez de ver a exclusão social dos pobres, camponeses ou não, como consequência do latifúndio intelectual da minoria privilegiada. Não perceberam que a saída seria garantir o acesso universal à educação de qualidade equivalente, independente da classe social do aluno. A esquerda brasileira nunca entendeu isso, e até hoje prefere defender as universidades – para as classes média e alta –, do que a educação de base – para os pobres. O fenômeno não é apenas brasileiro: o clássico da literatura de esquerda da América Latina, do Eduardo Galeano, denuncia “as veias abertas”, ignorando ao longo do livro que o problema está, sobretudo, no “cérebro fechado” da América Latina, pelo abandono da educação de suas massas.*

2. O FRACASSO DA VITÓRIA

A democracia foi conquistada, todas as bandeiras políticas foram realizadas. Mas a primeira eleição direta trouxe uma surpresa: o governante eleito iniciou reformas pela direita, para a integração econômica do Brasil no mundo global, e foi levado à cassação por denúncias de corrupção. A esquerda, vitoriosa na política contra os militares, ficou perplexa com as propostas sociais e o comportamento ético do governo civil. A perplexidade aumentou quando, logo depois, no exterior, o socialismo ruiu e o neoliberalismo global se afirmou. A esquerda parecia morta, porque sem bandeiras: a democracia ficou conservadora, a soberania diluída, o estado privatizado, o mercado virou regra da eficiência do sistema social e econômico.

Mas o futuro não indica um mundo utópico adiante. Ao contrário, a perspectiva é de catástrofe: a crise ecológica, a violência urbana, a corrupção generalizada, a migração em massa, a vulnerabilidade das nações, o desemprego estrutural, a desigualdade crescente se transformando em apartação⁵. A realidade continua mostrando a necessidade de alternativas para o rumo da história, mudanças na estrutura e nas prioridades sociais e econômicas.

Felizmente, alguns resistiram oferecendo-se ao País como alternativa de esquerda, mesmo sem clareza de um projeto de nação. Com o PSDB, a esquerda social-democrata chegou ao poder em 1994, com uma ampla aliança à sua direita, deixando uma oposição à sua esquerda. O PT, mesmo sem projeto nacional, transformou-se no guarda-chuva das reivindicações das classes trabalhadoras.

Em 2002, uma aliança de siglas de esquerda, sob a liderança de Lula, chegou ao poder. Essa vitória significou um avanço importante da esquerda, pelo simbolismo da política: a eleição de um Presidente vindo da esquerda, um operário com origem nas camadas mais pobres da população, nem

5 Ver do autor, do livro *"O que é Apartação – o Apartheid Social Brasileiro"*, editora Brasiliense, São Paulo, 1994.

rico, nem doutor, nem conservador. Ainda mais quando seu governo consegue administrar o País com liberdade, sem crises profundas, com democracia, estabilidade monetária e crescimento econômico sem necessidade de controles estatais na política ou na economia. Melhor do que presidentes anteriores, mas não diferente deles, no que diz respeito aos rumos do Brasil para o futuro. Sem vigor transformador. Um governo competente, mas conservador.

Amarrada pela realidade da globalização, do neoliberalismo, da rapidez do avanço técnico e do fracasso do socialismo real, era claro que a esquerda não poderia fazer mudanças na estrutura da economia. A esquerda que venceu em 2002 teve o bom senso de entender os limites impostos pela realidade do século XXI e a responsabilidade de não desarticular o sistema econômico em marcha, mas não soube apresentar um objetivo utópico de acordo com os novos tempos. Incapaz de realizar as antigas propostas de mudar a economia – pela distribuição do patrimônio privado, estatização, planejamento estatal, autoritarismo –, não trouxe uma proposta emancipadora para o povo, libertária para a sociedade, soberana para a Nação. Ficou acomodada, apegada ao poder, trocou a utopia pela generosidade, ignorando os compromissos revolucionários com a transformação social.

A educação seria a única Causa capaz de fazer a revolução; único espaço possível para executar um projeto de transformação social. Mas a via escolhida foi manter a economia sem fazer qualquer mudança na estrutura social: nenhuma reforma estrutural: agrária, educacional, na saúde, no sistema tributário, na estrutura política. Para assegurar a governabilidade, o Presidente Lula, e os demais partidos de esquerda preferiram a aliança com a direita apegada ao puro e simples fisiologismo, ampliando programas de assistência social iniciados nos governos anteriores. Um governo conservador mais generoso com as massas pobres⁶, sem ideologia, sem proposta transformadora.

.....

6 De certa maneira, a governabilidade conservadora, sem impacto transformador, lembra os programas do tipo “Aliança para o Progresso” dos anos 1960, pelos quais o governo dos EUA se propunha a ajudar os pobres latino-americanos, acomodando-os, aliviando as tentações apresentadas pelos movimentos de esquerda.

Como o MDB em 1985 e o PSDB em 1995, os partidos de esquerda ganharam a eleição de 2002, mas, uma vez no governo, perderam a Causa, transformam-se em Siglas. O governo e os cargos dos filiados tornaram-se o propósito da política, não o instrumento da transformação social. A militância combativa, honesta, idealista e programática aceitou a idéia de que a Sigla está acima da Causa, foi enquadrada pela direção pragmática, acomodou-se, compactuou – às vezes descaradamente – com a corrupção.

Quando partidos revolucionários chegam ao poder sem um projeto de transformação social, o partido torna-se mais importante que a revolução, cria privilégios para seus militantes, transforma-os em filiados e em quadros do aparelho estatal. A luta de classes se transforma em disputa por cargos entre as tendências; a ânsia por medidas transformadoras é substituída pelo vício do emprego público. O objetivo deixa de ser a Causa e passa a ser a função gratificada ou o mandato eletivo, que se tornam finalidades, não mais meios revolucionários. O partido perde a preocupação com a transformação social e com o longo prazo, torna-se prisioneiro do presente, da reeleição e da manutenção dos cargos, a qualquer preço, inclusive com o uso do marketing para iludir ao povo ⁷.

No Brasil, em nome da governança, as práticas políticas se ajustaram aos velhos estilos da elite: a corrupção passou a ser tolerada, justificada, por vezes defendida como natural, “parte do jogo”; a desigualdade foi aceita; o imobilismo social foi ampliado; a apropriação do aparelho do Estado foi mantida; o coronelismo foi nacionalizado; o compadrismo foi partidarizado. Ainda mais grave, houve um brutal retrocesso na consciência política da sociedade: os movimentos sociais se acomodaram; os sindicatos se anularam, as lideranças políticas foram cooptadas e as

.....

7 Por causa disso, os “anos Lula” não serão reconhecidos como um período de ebulição intelectual, como foram os anos anteriores a 1930, os “anos JK”, o período militar, sobretudo como oposição ao regime e ao modelo. Neste começo de século XXI, a perplexidade da crise ideológica mundial se junta a acomodação dos intelectuais da esquerda, sem a coragem intelectual de criticarem o rumo tomado pelo governo Lula. Em vez de fazerem a crítica conseqüente para forçar um avanço, se calam e deixam as críticas para os intelectuais da direita; que tampouco ajudam no debate, porque o governo faz o que os conservadores sempre defenderam. Por isso, limitam-se a criticar, sobretudo a corrupção, sem realizar um embate ideológico. Sobre o silêncio passivo dos intelectuais de esquerda, ver, do autor, o livro *Sou Insensato*, editora Garamond, Rio de Janeiro, 2007.

vanguardas estudantis transformadas em louvadores; os intelectuais optaram pelo silêncio reverencial ⁸. O povo foi convencido de que não há mais razão para lutar, basta manter no governo os que garantem pequenas transferências de renda; como se bastassem as leis do Ventre Livre e dos Sexagenários, em vez da Abolição; ou como se fosse suficiente a concessão de pequenas rendas para pobres dependentes, em vez da qualidade de vida para um povo emancipado.

Uma conseqüência do conservadorismo da esquerda no governo foi o retrocesso na consciência da população e da militância. Antes, a população tinha o sonho de um mundo melhor, defendido pelo PT, PCB, PPS, PDT, PCdoB, PSB, por líderes como Arraes, Prestes, Brizola, João Amazonas e o próprio Lula. Agora, a esquerda se contenta com a garantia de uma renda adicional de R\$ 2 a R\$ 3 por dia para cada família, e com um salário mínimo ligeiramente maior para os trabalhadores.

Apresentam como grande avanço social o aumento no número dos recebem auxílios, em vez de comemorar o número emancipado graças às políticas públicas. Antes, a esquerda lutava pela emancipação. Agora, comemora como grande vitória as minúsculas reduções na distância entre as rendas do topo e da base, da mesma pirâmide de privilégios e necessidades; mesmo que tudo o mais indique uma ampliação da desigualdade na qualidade de vida, no nível de educação, nos benéficos da saúde, moradia, segurança, especialmente na esperança de vida, cada vez mais desigual.

Antes, a utopia era o objetivo social da dialética que explicava o processo da marcha histórica; agora, o discurso da “militância” se limita aos jargões econômicos, os objetivos se limitam à renda, a luta política é substituída pela gerência da economia. Havia a rebeldia, agora há a acomodação satisfeita, alardeando como grande vitória os irrisórios avanços na renda mínima da população ⁹. Lula conseguiu vencer

.....
⁸ De forma enfática, Frei Beto expõe essa mutação ideológica em artigo, publicado no jornal Correio Braziliense em 20/10/2007, sob o título “Como Endireitar um Esquerdista”.

⁹ Melhor exemplo dessa acomodação se vê entre os militantes das tendências que se consideravam de esquerda e que nos anos 1990 criticavam a Bolsa-Escola como transferência de renda compensatória, apesar do seu impacto educacional; mas que agora aceitam e comemoram como grande avanço o assistencialismo puro da Bolsa Família, sem o papel emancipador da educação.

os militantes e o povo de que a revolução é um conceito aposentado, a emancipação é secundária, a igualdade é uma proposta vazia, os sonhos são impossíveis e desnecessários. Bastam pequenas ajudas aos pobres, não será preciso buscar o fim do *apartheid* social – a apartação brasileira. Basta que a economia cresça e o Estado transfira pequenas rendas para os pobres.

O gesto mais conservador do governo Lula foi à descaracterização dos partidos de esquerda, especialmente o PT, que era a grande esperança de transformação da sociedade brasileira. Esses partidos, logo no início do governo, puseram de lado seu compromisso com a ética. Assumiram que não eram diferentes dos outros partidos quanto ao caráter, defenderam-se das acusações de corrupção com o argumento de que os outros são igualmente corruptos. Abandonaram os sonhos, e aceitaram com naturalidade o fato de seus ícones, ao deixarem os cargos, se transformassem em lobistas de grandes empresas nacionais e internacionais.

O discurso de Lula na presidência mostra que essa prática chegou ao governo; ele fala para cada grupo, não para o Brasil. Ele mostra os benefícios criados para cada segmento, não para o País. Aboliu a luta de classes, mas não construiu um projeto nacional. Apenas promoveu a acomodação entre diversos segmentos da sociedade, o que não tem durabilidade estratégica, e trará um custo crescente sobre as finanças públicas, com o risco de criar escassez de infra-estrutura e serviços públicos ou trazer de volta a inflação.

Uns poucos mantiveram o idealismo, mas ficaram prisioneiros dos velhos paradigmas que já não são viáveis, sem ajustar o processo revolucionário à realidade do século XXI. Apesar de todas as conseqüências que nos trazem os exemplos históricos da revolução do século XX, ainda resiste a crença na velha fábula de mover montanhas com as mãos de pessoas de grande força de vontade. De que é possível dar saltos sociais e econômicos sem respeitar a dinâmica da realidade. As revoluções socialistas do século XX que conseguiram esses saltos não duraram, e qualquer sonho de uma sociedade melhor deve reconhecer a necessidade de respeitar os limites técnicos da realidade, deixar a ilusão de que a ideologia está acima da técnica. Por essa razão, a esquerda precisa romper com a absurda idéia de que o objetivo da utopia está nas mãos do Estado, como proprietário e como gestor, especialmente da economia. É preciso separar os conceitos

do público e do estatal.

Na fase soviética, o interesse público era visto como propriedade e gestão estatais. As reformas atuais na China mantêm a propriedade do estado, mas promovem a gestão privada; em um novo tempo, o que vai definir o interesse público é o beneficiário do produto. Nem a propriedade nem a gestão precisarão estar nas mãos do Estado.

Talvez pela dificuldade em vencer seus preconceitos consolidados historicamente, a maioria simplesmente se ajustou à realidade, sem qualquer compromisso de mudar a estrutura social, sem criticar as injustiças que continuam existindo, sem perceber as novas formas de exploração, as causas da desigualdade crescente, sem explicitar os riscos de desequilíbrio ecológico e relegando a necessidade de desenvolvimento sustentável. Sobretudo, sem oferecer objetivos emancipadores e imobilizando o povo ¹⁰. Uma das maiores provas disso é um slogan atualmente em voga nos quadros do PT e de outros partidos de esquerda, que vem circulando na Internet: “para o Brasil, já está bom demais” o governo Lula. É a repetição da mesma velha acomodação: um imperador, no lugar de um presidente, “já está bom demais para o Brasil”. As leis do Ventre Livre e dos Sexagenários “já estavam boas demais para o Brasil”. Matricular 97% das crianças de 7 a 14 anos de idade, mesmo que apenas pela merenda, e sem saber ler até o final da quarta-série, “já está bom demais para o Brasil”. O aumento do PIB, mesmo sem distribuição, “já está bom demais para o Brasil”. Manter a economia funcionando, assegurando a Bolsa Família, “já está bom demais para o Brasil”. Enquanto pensar assim, a esquerda não estará boa demais para o Brasil. Será constituída de conservadores acomodados, torcedores de sigla, e não de militantes de causa.

Alguns governos locais conseguiram dar saltos transformadores em direção à sociedade que as forças de esquerda desejam. O governo de

.....
10 Um exemplo desse retrocesso foi o efeito devastador sobre a consciência da importância da educação na população pobre, quando a Bolsa-Escola foi substituída pela Bolsa Família. Com a Bolsa-Escola, pela primeira vez na história do Brasil, os pobres passaram a sentir que tinham direito e até obrigação de procurar a educação dos filhos como caminho para emancipar-se da pobreza. Todo mês, quando recebiam seus benefícios, pensavam na escola como caminho para sair da pobreza, igualar-se aos ricos; agora, pensam que o benefício é uma ajuda à pobreza e, se saírem dela, perderão o benefício.

Porto Alegre 93/97 de Tarso Genro implantou o Orçamento Participativo. O governo de São Paulo 89/93, de Luiza Erundina, fez importantes experiências de mudança nas prioridades. O governo do Distrito Federal 95/98 implantou um conjunto articulado de medidas progressistas e transformadoras. Essas e outras experiências específicas mostraram em Municípios e Estados que é possível dar saltos transformadores na sociedade brasileira, sobretudo por meio da educação ¹¹.

No início do governo Lula, o MEC iniciou a implantação ou apresentou os Projetos de Lei que permitiriam dar o salto rumo a uma revolução na educação brasileira ¹². Mas os projetos foram suspensos ou perderam o

11 Alguns exemplos destes programas são: Na educação: Bolsa-Escola; Poupança-Escola; Bolsa Alfa; Programa de Avaliação Seriada (PAS); Projeto SABER; Mala do Livro; Tele-matricula; Temporadas Populares; Cestas Pré-Escola; Escola Candanga; Brasília Capital do Debate; Escola em Casa; Gestão Democrática das Escolas; Paz na Escola; Contratação, Formação e Elevação dos salários dos Professores. Na Cidadania: Paz no Trânsito; Faixa de Pedestre; Não dê Esmola, dê Cidadania; Licitações Democráticas; Polícia Comunitária. No Social: Saúde em Casa; Agricultura Familiar; BRB Trabalho; Caravana da Economia; Carroças Verdes; Projeto Caixaço Viajante; Projeto Canaã; Saneamento Básico Universal.

12 Entre outros, vale a pena lembrar: Criação e Implantação do Programa Brasil Alfabetizado; Criação do PAE – Programa de Apoio ao Estudante do Ensino Superior, destinado à concessão de bolsas ao mesmo tempo em que os beneficiados seriam alfabetizadores de adultos; Instituição da Política Nacional do Livro; Criação do Conselho Nacional de Gestão das Políticas de Educação Básica com a finalidade de promover a articulação e facilitar o regime de colaboração entre a União, os Estados e os Municípios, um passo para a Federalização da Educação de Brasil; Implantação do Programa Nacional do Livro do ensino Médio – PNLEM; Implantação inicial do Programa da Escola Básica Ideal, para instalação nacional do horário integral como objetivo; Apresentação da PEC do Projeto FUNDEF – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica; Criação do Programa de Certificação Federal do Professor Municipal e Estadual; Início da Instalação da Escola Interativa, informatizando e integrando as escolas brasileiras em rede; Projeto de lei para modificar o FIES – Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Superior, incluindo a concessão de bolsas de estudo, com prioridade para alunos de cursos de licenciatura; Projeto de lei para alterar a lei 9.424, permitindo que a modalidade de Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental seja contemplada com recursos do FUNDEF, promovendo o direito à educação a 2,7 milhões de alunos; Projeto de lei para estabelecer piso salarial para os educadores públicos que cumprem jornada de trabalho de 40 horas semanais e possuem habilitação em nível médio ou superior; Projeto de lei para alterar o mecanismo de escolha dos dirigentes das Instalações Federais de ensino Superior, eliminando as listas triplíces e garantindo à comunidade acadêmica a liberdade de definir a modalidade de indicação; Projeto de lei para Criar a UNAB – Universidade Aberta do Brasil (posteriormente apresentada como INEAD – Instituto Nacional de educação Aberta e a Distância Darcy

vigor transformador, o radicalismo necessário, foram acomodados como continuidade do velho ritmo arrastado, tradicionalmente levados adiante pela elite política brasileira.

Um exemplo é o fim da Secretaria para a Erradicação do Analfabetismo e a transformação do Brasil Alfabetizado, que previa abolir o analfabetismo em quatro anos, em um programa de simples alfabetização, como já temos há séculos.

Ribeiro), para ampliar e democratizar as oportunidades de acesso à educação superior em instituições públicas, com a utilização de técnicas de Educação a Distância; Projeto de lei para criar um fundo de investimento para financiar o Programa de incentivo à conclusão da Educação Básica – Poupança-Escola, que prevê o depósito de benefício financeiro em nome do aluno que concluir, com aproveitamento, os níveis de ensino fundamental e médio; Projeto de Decreto-Lei para garantir vaga em rede pública de ensino, a toda criança no momento em que completar quatro anos de idade; Projeto de Decreto-Lei para estabelecer a obrigatoriedade do Ensino Médio.

3. PARA CONTINUAR ESQUERDA

A globalização abriu as fronteiras nacionais e uniu os ricos do mundo; transformou a desigualdade social em exclusão; substituiu os operários por operadores; incorporou e cooptou os assalariados qualificados entre os beneficiados do sistema; anulou ou corrompeu os tradicionais partidos de esquerda; acomodou os sindicatos de trabalhadores; consolidou a distância social entre os que dispõem de qualificação e os que não têm educação; desequilibrou o meio ambiente, deixando-o em situação de colapso; mostrou a impossibilidade do consumo para todos e substituiu a utopia da igualdade de renda pela igualdade de oportunidade entre classes e entre gerações; colocou o problema da ética, do emprego e da estabilidade monetária como objetivos progressistas; adotou o capital-conhecimento como o vetor do progresso econômico. O sistema financeiro sequestrou o mundo inteiro, transformando-o em um cassino global, onde poucos ganham muito e quase todos perdem.

O mundo caminha para duas catástrofes (i) o desequilíbrio ecológico já provoca o aquecimento global ameaçando o habitat da espécie humana; (ii) a desigualdade já anuncia o risco de ruptura da espécie, quebrando o sentimento de semelhança entre os seres humanos ¹³. A humanidade e cada nação nunca foram tão desiguais e tão divididas, entre classes e entre gerações. O Brasil é um dos exemplos mais nítidos dessa trágica evolução.

Nunca foram tão necessários sonhos utópicos e gestos revolucionários. Mas o século XXI está exigindo uma nova definição para sonhos, e novas estratégias para as forças que defendem as mudanças de rumo.

Grandes mudanças devem ocorrer em relação aos sonhos e propósitos desenhados pela esquerda a partir do século XIX: (i) assumir um forte compromisso com a liberdade; (ii) retirar os conceitos e objetivos utópicos

.....
¹³ Ver, do autor, os livros *A Cortina de Ouro*, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1994 e *Admirável Mundo Atual*, Editora Geração, São Paulo, 2003. Ambos os livros especulam que o avanço técnico científico produzirá uma revolução biológica em benefício da parcela capaz de comprar os novos produtos da ciência e da tecnologia, provocando uma quebra na unidade da espécie humana.

do mundo da economia e levá-los para o espaço social, especialmente para a educação; (iii) entender que o conceito de igualdade plena de renda e de consumo não se justifica em um tempo no qual a economia e a mente humana se orientam pelo consumismo; (iv) diferenciar os conceitos de público e de estatal, respeitando o interesse privado, mas dando primazia ao interesse público; (v) levar em conta o longo prazo; (vi) perceber os riscos de uma hecatombe ecológica; (vii) redesenhar a utopia e seus caminhos revolucionários, combinando os sonhos da igualdade com os valores do humanismo e com os compromissos de equilíbrio ecológico ¹⁴.

O pensamento de esquerda, sobretudo depois de Marx, concentrou os estudos e propostas da revolução dentro da economia. A educação era apenas parte da superestrutura, e um simples instrumento para a reprodução da mão-de-obra, no proletariado e na burguesia. Isso o impedia de ver a educação como elemento de emancipação. Esta só viria da economia, com o poder e a propriedade dos meios de produção nas mãos do proletariado. Era uma análise válida para seu tempo e para o esquema bipolar de classes, em um tempo em que o avanço técnico não fazia exigências, nem dava poder à mão-de-obra qualificada. Isso mudou radicalmente, e o momento exige um novo enfoque, tanto na estrutura de classes como na dinâmica do processo social e econômico. A propriedade do conhecimento, via educação, passou a ser um vetor emancipador ¹⁵.

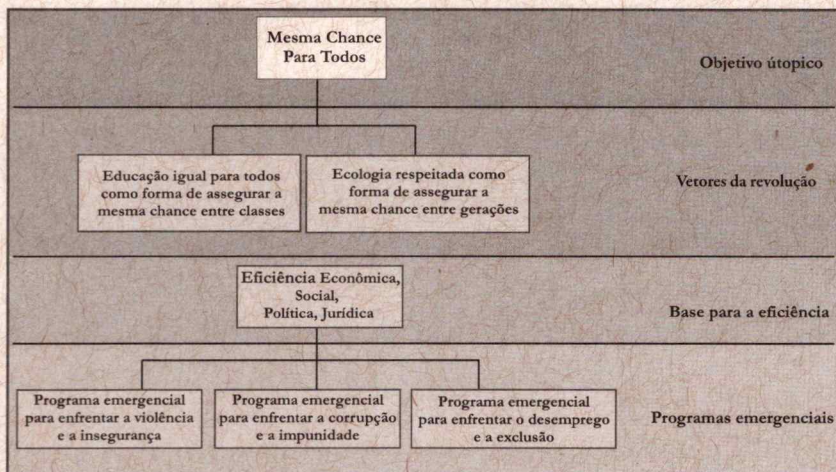
O novo objetivo utópico consiste em assegurar a mesma chance para todos, entre classes e entre gerações. Dentro da democracia com liberdade individual, garantir a cada ser humano igualdade no acesso aos instrumentos necessários para o pleno desenvolvimento de seu talento, conforme sua persistência e vocação, e para disporem do patrimônio natural a que têm direito como parte da humanidade, de modo que as próximas gerações recebam uma natureza com equilíbrio ecológico. Isso exige: a) uma

.....
14 O Programa Etanol é um exemplo da diferença entre o governo conservador atual e uma proposta educacionista. O governo vê o etanol e os demais bicomcombustíveis como uma oportunidade natural, a ser liberada pelo mercado. À esquerda educacionista considera bem-vinda esta alternativa, mas desde que de acordo com o interesse público e de longo prazo: com respeito às reservas florestais, fauna e flora, e tratada dentro de um arcabouço social que beneficie o público, não apenas o interesse privado.

15 No Brasil, Anísio Teixeira já percebia isso, ainda nos anos 1950 e 1960.

educação de qualidade para todos, que assegure a mesma chance entre classes e transforme o Brasil em centro produtor do capital-conhecimento; b) um modelo de desenvolvimento sustentável que assegure a mesma chance entre gerações; c) um sistema social e econômico eficiente, que assegure dinamismo econômico e cultural, e estabilidade social e política, como base para a revolução na educação e no equilíbrio ecológico ¹⁶.

Ser de esquerda hoje é lutar para: (i) derrubar o muro da desigualdade social, fazendo a revolução pela educação, construindo uma forte infraestrutura científica e tecnológica; (ii) derrubar o muro do atraso do Brasil em relação aos países ricos, com a construção de uma forte infra-estrutura científica e tecnológica. (iii) derrubar o muro da desigualdade entre gerações, alcançando um compromisso ecológico que assegure sustentabilidade ao modelo econômico para as próximas gerações; (iv) e construir a base da eficiência no sistema social, econômico, político e jurídico.



.....

16 Este novo projeto utópico deveria se chamar "educologismo", não apenas educacionismo. Mas o equilíbrio ecológico, que é um objetivo, depende acima de tudo de uma educação que (i) mude os padrões de consumo, (ii) crie novas técnicas que permitam à economia e aos seres humanos conviverem equilibradamente com a natureza, em um novo marco civilizatório.

O radicalismo político de hoje corresponde à proposta e à luta para criar no Brasil: a) a dupla igualdade educacional: a mesma qualidade na educação, independentemente da renda da família e da cidade onde mora a criança, e a igualdade das escolas brasileiras, comparável à qualidade de países mais avançados do mundo;

b) um eficiente sistema de desenvolvimento científico e tecnológico a partir da refundação da universidade brasileira e da implantação de grandes e eficientes centros de criação científica e tecnológica, em cooperação permanente do setor público com o setor privado;

c) um sistema econômico brasileiro que respeite as exigências da sustentabilidade ecológica;

d) uma revolução na eficiência (i) dos serviços sociais - saúde, moradia, água, esgoto e (ii) da gestão pública e privada; (iii) o fortalecimento da infra-estrutura econômica; (iv) a redução da carga fiscal; (v) a garantia de estabilidade da moeda; (vi) o funcionamento democrático das regras e das leis políticas e jurídicas.

e) Um programa emergencial para enfrentar as três crises imediatas: (i) desemprego e exclusão, (ii) corrupção e impunidade, (iii) violência e insegurança.

4. UM PROGRAMA EDUCACIONISTA

Embora utópicos, esses objetivos finais só serão viáveis em pelo menos 15 anos, o que está dentro da disponibilidade de recursos na realidade brasileira atual. Temos um sistema democrático consolidado, embora imperfeito; estabilidade monetária, ainda que vulnerável; uma renda bruta nacional superior a R\$ 2 trilhões por ano, com potencial produtivo em todos os setores; uma massa crítica de profissionais; um sistema de arrecadação fiscal próximo a R\$ 1 trilhão. O ponto de partida para a revolução educacionista tem custo não superior a 1% da receita do setor público, ao redor de 0,3% da renda bruta nacional. A revolução educacionista, ao longo de 15-20 anos, pode seguir a estratégia de implantação de cidades-pólo, com escolas em horário integral, com professores bem remunerados, preparados e dedicados, com equipamentos modernos, para todos os seus alunos ¹⁷.

A ideologia educacionista é capaz de captar o imaginário de alguns, capazes de olhar o longo prazo, mas o “anjo torto” não chega a todos, é restrito a poucos, sua idéia utópica não avança na consciência da população. Além de adeptos, é preciso conquistar o apoio de eleitores. Para tanto, é necessário um programa consistente, que ofereça a viabilidade dos objetivos e também a solução dos problemas imediatos.

Sem uma revolução na educação, o Brasil caminha para o aumento da violência, mas com a violência de hoje fica difícil ir à escola; sem educação a população tem dificuldade em conseguir moradia, mas é difícil ter escola sem endereço e moradia; a educação traz saúde, mas a falta de saúde, água e esgoto tira as crianças da escola; o crescimento econômico continuado virá com a revolução científica e tecnológica induzida pela revolução na educação, mas sem uma economia ativa não haverá recursos para levar adiante toda a dimensão da revolução na educação. Assim, a revolução não pode apenas prometer e esperar, tem de propor e contar com as soluções dos problemas imediatos da sociedade brasileira.

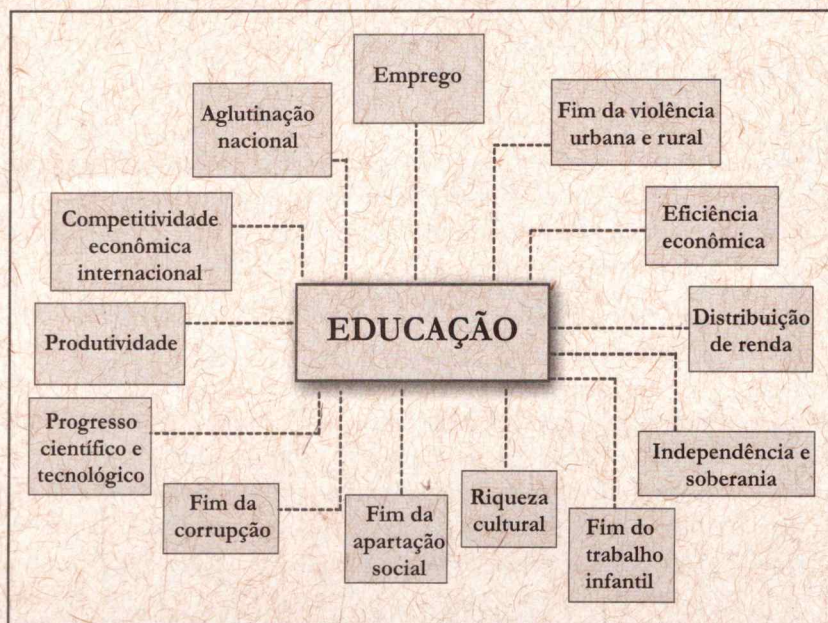
.....
¹⁷ Os detalhes da realização dessa revolução na educação podem ser encontrados no texto do autor *A Revolução na Educação*, publicado pelo Senado Federal, ou no site www.cristovam.com.br.

Por isso, é preciso que o programa educacionista apresente propostas para enfrentar os problemas imediatos: tanto porque eles entravam as medidas educacionais, quanto porque a população não quer nem pode esperar apenas pelas distantes soluções revolucionárias. É assim que o programa educacionista deve oferecer encaminhamentos para o crescimento econômico, a moradia, a saúde, o emprego, a infraestrutura, a violência, a corrupção e cada problema do momento. O emprego, principalmente, exige uma preocupação especial do educacionista. Não basta dinamizar a economia, é preciso ter o emprego como meta.

Não basta a meta de crescimento e inflação, é preciso ter metas de emprego, seja pela via formal, seja pelas diversas formas de empreendedorismo. Essa é uma mudança na forma como se tem visto o desenvolvimento econômico nos últimos 50 anos, quando se buscava pleno emprego, proteção social e planejamento, sem preocupação com o equilíbrio monetário; e depois da recente contra-reforma neoliberal, quando os três primeiros objetivos foram abandonados, e a atenção concentrou-se no equilíbrio monetário. Agora, é hora de um novo tempo, no qual a revolução educacional seria o meio, sem abandonar o equilíbrio monetário, mas dando importância ao emprego, à proteção social e, também, ao equilíbrio ecológico.

A proposta da Revolução Educacionista tem de vir acompanhada de um programa imediato de governo ¹⁸.

18 O programa de governo apresentado pelo autor em sua campanha presidencial de 2006. Como Fazer!, traz as propostas necessárias para enfrentar os "problemas brasileiros".



5. A CONSCIÊNCIA DA ESQUERDA

O maior desafio daqueles que ainda sonham com uma revolução é criar uma consciência revolucionária: convencer os pobres de que é possível seus filhos terem uma escola equivalente à dos ricos e convencer os ricos de que essa equivalência é necessária.

Os pobres não acreditam que é possível e os ricos não acham que é preciso assegurar igualdade na educação de todas as crianças. Os primeiros não percebem que esse é o caminho da emancipação; os outros não entendem que, no século XXI, o Brasil será um país educado ou um país fracassado, e temem que uma revolução na educação quebre o privilégio transmitido de geração para geração até seus filhos, protegidos da concorrência com os filhos das massas. Estes, sem educação, ficam sem instrumento para disputarem o futuro com a mesma chance ¹⁹.

E todos devem ser convencidos da necessidade de aceitar os sacrifícios necessários no consumo de hoje para salvar a natureza de amanhã. Ficam todos, no máximo, no discurso ecológico, no medo do futuro, mas sem vontade de reduzir o nível da demanda supérflua, nem de aumentar o preço dos produtos e dos recursos naturais utilizados. É preciso convencer a população de que o crescimento econômico e os padrões de consumo devem ser compatíveis com o equilíbrio ecológico.

Mas no caso do Brasil, é difícil convencer as corporações da necessidade de construir um sistema comum sem os privilégios especiais de cada grupo; quebrar as fronteiras das múltiplas repúblicas em que se divide a república

19 O futebol é um exemplo de como a mesma chance rompe com os privilégios de classe e favorece os que têm talento, independentemente da classe social, e termina beneficiando a maioria. No começo, o futebol era uma atividade dos ricos, privilegiados. Mas a bola sempre foi igualmente redonda para todas as classes; nas primeiras idades não se necessita de professor, as regras são as mesmas. Os mais talentosos se distinguem pelo próprio potencial. Como a imensa maioria é de pobres, a mesma chance leva mais pobres ao topo da carreira das grandes equipes e das seleções. Na educação, as escolas são diferentes, melhores para os ricos, deixando os pobres para trás. É preciso fazer com a escola o que o Brasil tem feito com o futebol: torná-las igualmente redondas.

brasileira, cada uma delas preocupada somente com o imediatismo e o corporativismo, ignorando a nação, o povo inteiro e o longo prazo.

É essa divisão do País em grupos sem solidariedade nacional que torna os recursos disponíveis insuficientes para levar adiante a revolução de que o Brasil precisa, porque nenhum grupo quer abrir mão dos privilégios de que já dispõe; e os outros não querem abrir mão da possibilidade de se beneficiarem dos privilégios de que ainda não dispõem. Só a revolução na educação – escola igual para todos – vai unificar a dividida população brasileira, transformando-a em um povo. Mas para que essa revolução ocorra, será necessário um movimento que primeiro unifique eleitoralmente a vontade, para depois fazer a integração social por meio da educação. Essa unificação eleitoral é o papel dos educacionistas.

Para esse convencimento, será necessário derrubar o muro da omissão, a acomodação e o reacionarismo: seja por ter aceito o fim dos sonhos, perdido a Causa e se submetido a uma sigla por comodismo – achando que o partido é uma finalidade e não um meio para mudar o País e o mundo –, seja por não ver que a realidade exige novas formas de apresentar e defender os sonhos revolucionários.

Nossa tarefa mais imediata é convencer os militantes ansiosos, descontentes, apáticos, mas ainda não corrompidos – pelo conservadorismo ou pelos cargos – de que vale a pena lutar por uma Causa. De que essa Causa existe e de que o desafio é ampliar a consciência nacional para a necessidade e a urgência dessa revolução possível: pela educação e pela ecologia, garantindo a mesma chance entre classes e entre gerações. A segunda tarefa é despertar mesmo os mais egoístas individualistas, para que percebam que não há futuro para ninguém sozinho.

6. NOSSA CAUSA: EDUCACIONISMO

Por isso, a conscientização inicial é redescobrir o sentimento de interesse nacional, acima de qualquer interesse de grupo, corporação, segmento. A esquerda do século XXI tem de ser a esquerda da nação brasileira dentro da globalização, não a esquerda defensora das reivindicações de segmentos, nem tampouco a esquerda do nacionalismo isolacionista dos anos 50.

Felizmente, ainda é tempo. A acomodação vai aos poucos se transformando em reacionarismo dos que se apegam ao curto prazo do poder sem sonhos, mas a realidade desperta a indignação daqueles que insistem na manutenção de objetivos que mudem a estrutura social. E essa indignação se transformará na chama do sonho revolucionário. Quando isso ocorrer, uma Causa voltará a ser comum e se apresentará como alternativa de poder.

A proposta de utopia socialista sonhava com um mundo onde cada um “trabalharia de acordo com sua capacidade e ganharia de acordo com suas necessidades”. O socialismo no século XX errou ao não perceber que, no século XIX, qualquer um tinha o emprego conforme sua capacidade natural, sem necessidade de formação, e errou ainda mais ao não perceber que as necessidades já não eram limitadas, decorriam de uma ânsia consumista ilimitada. Daí o recurso, nos países socialistas, da ditadura para reprimir as aspirações consumistas das classes médias.

No século XXI, a capacidade de cada um depende diretamente da formação do trabalhador, cada vez mais complexa e sofisticada, e as necessidades de cada um são cada vez maiores. No século XIX, o operário tinha emprego sempre que houvesse crescimento econômico que criasse vagas em grande número. No século XXI, o crescimento cria poucas vagas, que sobram se o trabalhador não for qualificado. Porque para ter emprego, o operário precisa se transformar em operador.

Uma das bases do socialismo, sobretudo no século XIX, era a promessa da superação da desigualdade entre trabalho intelectual e trabalho manual, por meio de uma revolução que colocaria o poder nas mãos do proletariado; não considerava a possibilidade, no século XXI, de elevar

todos ao trabalho intelectual por meio da educação universal de qualidade. Até que o mais simples trabalho de limpeza do chão da fábrica fosse feito por equipamentos mecânicos operados por um trabalhador qualificado. Da mesma forma, não se previa, no pensamento marxista do século XIX, a quebra da vinculação absoluta entre administração e propriedade do capital. Até que mesmo negócios de porte médio passassem sua administração para executivos qualificados, e não para os herdeiros do capital.

A revolução de hoje está em assegurar o pleno desenvolvimento da capacidade de cada um, e permitir-lhe ser remunerado de acordo com essa capacidade, permitindo um consumo diferenciado. O “socialismo” no século XXI deve assegurar a todos a igualdade no acesso à qualificação, permitir que todos tenham a mesma oportunidade educacional. Com isso, a liberdade permitirá desigualdade no consumo, acima da linha da exclusão social e abaixo da linha do equilíbrio ecológico: sem que ninguém consuma menos do que o necessário para sair da pobreza, e ninguém consuma mais do que o equilíbrio ecológico permita. No espaço entre o necessário-social e o possível-ecológico, a liberdade convive com a desigualdade.

Depois do fracasso de todos os “ismos” que baseavam a utopia nos sistemas econômicos nacionais, o educacionismo baseia a construção da utopia civilizatória na revolução educacional que assegure a mesma oportunidade de formação para todos. Essa é uma visão compatível com os novos tempos, nos quais a globalização substitui as economias nacionais e o capital-conhecimento e as informações substituem o capital-máquina como os vetores do progresso; tempos nos quais o computador substitui a máquina a vapor, e a escola substitui a fábrica. Tempos em que os operários se transformam em operadores e a luta de classes é substituída pelo choque de interesses entre os que têm e os que não têm formação profissional e educacional, o que divide a sociedade entre os incluídos e os excluídos da modernidade, separados por um sistema de *apartheid* social, a apartação, por causa da desigualdade abismal no acesso à educação.

Depois de um século de frustrações com as revoluções prisioneiras das economias nacionais, que utilizaram o poder do Estado para criar novas classes burocráticas por meio do desenvolvimentismo ou do socialismo, e no início de um novo século no qual o mundo se divide internacionalmente

entre um Primeiro-Mundo-Internacional-dos-Ricos, seja qual for o país onde se vive, e um Arquipélago-Social-de-Pobres espalhados no Planeta – o gulag neoliberal – o ponto de partida da utopia é derrubar a Cortina de Ouro que separa incluídos e excluídos dentro de cada país, quebrar a apartação e integrar a todos, dando-lhes a mesma chance. O crescimento econômico não será capaz, e a revolução social tradicional pela economia e pelo controle do estado não será possível. O caminho é a educação.

Isso, obviamente, não significará o coroamento do projeto civilizatório. É um passo revolucionário, mas apenas um primeiro passo. O futuro distante pode ser apenas sugerido como idéia, não como proposta: no lugar da sonhada e fracassada igualdade na renda e no consumo com o sacrifício da liberdade, proposta nos séculos XIX e XX, agora a utopia sonhada pode ser a humanidade livre e integrada globalmente. Uma humanidade conectada, que dispõe dos equipamentos e das bases culturais para o grande diálogo mundial que os diversos meios de comunicação já permitem. Hoje, o papel da Nossa Causa é dar uma pequena contribuição: fazer com que os brasileiros estejam todos integrados, e com a mesma chance de participar.

7. NOSSO “PARTIDO” EDUCACIONISTAS, UNI-VOS!

A política brasileira está dividida em um grande número de Siglas, nenhuma com uma Causa, com os militantes transformados em filiados. A causa educacionista tem militantes filiados em todas as siglas, como foi o partido abolicionista no século XIX. Em nenhum momento foi preciso criar uma sigla partidária para unificar os abolicionistas. Naquele tempo, em todas as siglas havia abolicionistas lutando pela abolição com base no abolicionismo.

O mesmo vale para o educacionismo. Não há necessidade de uma sigla para abrigar os que defendem a utopia educacionista da mesma chance: revolução na educação e reorientação em direção a um desenvolvimento sustentável. Eles estão espalhados em diversas siglas, faltando apenas um gesto aglutinador representado pela proposta comum: a Escola Igual.

Além disso, no século XXI, a organização partidária burocratizada e a mobilização física dos militantes não é o único caminho da ação política. A revolução da mesma chance deve usar os novos métodos de rede como instrumento de aglutinação, mobilização e organização. Em rede virtual é possível organizar, agitar e mobilizar o pensamento e a ação de milhões de educacionistas, milhares de núcleos educacionistas unidos pelo educacionismo e mobilizados pela revolução educacional.

Esta é nossa proposta: um partido de causa, não de sigla, unindo os educacionistas em torno do educacionismo, por participação presencial ou em rede virtual, lutando por uma sociedade que assegure a mesma chance entre classes e entre gerações. No lugar de “proletários do mundo, uni-vos!”, o grito deve ser “educacionistas do Brasil, uni-vos!”.

NOTA:

As bases para este manifesto vêm sendo apresentadas em livros, como *A Revolução na Esquerda e a Invenção do Brasil* (1992); *O que é Aparição - o apartheid social brasileiro* (1993); *A Revolução nas Prioridades: da modernidade técnica à modernidade ética* (1994); *A Segunda Abolição, um manifesto pela abolição da pobreza no Brasil* (1999); *A Cortina de Ouro* (1995); *Os Inrangeiros* (2002); *Sou Insensato* (2007). E em artigos publicados semanalmente em diversos jornais, especialmente *O Globo*, do Rio de Janeiro e o *Jornal do Comércio*, de Recife.



SENADOR CRISTOVAM BUARQUE

Ala da Biblioteca, Gabinete 05
Anexo II, Senado Federal 70165-900
Brasília, DF-Brasil
Fone: (61) 3311 2281 - Fax: (61) 3311 2874
crisovam@senador.gov.br
www.cristovam.com.br